

OS BANCOS E O ATUAL CICLO DE EXPANSÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA

Nas palavras do FMI proferidas na semana passada, países como o Brasil deixaram de ser vistos como parceiros de risco elevado pelo sistema financeiro internacional. Esse fato, aliado ao ciclo de expansão da economia global, permitiu que o País executasse uma boa gestão macroeconômica e melhorasse significativamente os seus indicadores.

Com estabilidade de preços, nível de reserva superior a US\$ 110 bilhões, as exportações quebrando recordes, um baixo nível de endividamento externo e uma relação dívida/PIB da ordem de 44%, o Brasil se tornou ao longo desta década o segundo país com maior participação no portfólio dos fundos globais de ações para mercados emergentes, ocupando peso de 12,55%, perdendo apenas para a Coreia do Sul, com peso de 13,8%. Obviamente os investidores estão embalados pelo menor nível de risco-Brasil, que chega ao patamar de 150 pontos em Abril, quando já esteve no patamar superior a 2.600 pontos há pouco mais de cinco anos atrás. O reflexo dessa situação é a contínua quebra de recordes de valorização do IBOVESPA, que já chega a 48.000 pontos, e acumula nos primeiros quinze dias do corrente mês, uma alta acumulada que ultrapassa 3,5%.

Este cenário revela um conjunto de oportunidades para as empresas brasileiras, dos mais diversos setores. Com a percepção de um destino de baixo risco soberano para investimentos estrangeiro, as empresas nacionais se aventuram a se financiarem com recursos externos, intensificando a captação pelo lançamento de títulos no exterior, além de buscarem com maior apetite o mercado interno de ações. É também fato que os empreendedores brasileiros estão investindo no exterior, com um claro propósito de expandir suas operações adquirindo outras empresas ou construindo novas fábricas. Veja-se que no ano passado, enquanto os estrangeiros investiram US\$ 18 bilhões no Brasil, as empresas brasileiras investiram R\$ 27 bilhões no exterior. As empresas do setor industrial que não realizam investimentos diretos não perdem a oportunidade de fazer parcerias lá fora, em países como China e Argentina, para baratear os seus custos operacionais e manterem a sua competitividade internacional.

Acompanhando as tendências do setor produtivo, o setor bancário percebe que tem um papel importante nessa onda de expansão. De mero intermediário financeiro, os bancos surgem com uma nova função. Primeiro, criando produtos financeiros sofisticados, tanto para os agentes superavitários como para os deficitários. Não basta apenas oferecer linhas de crédito, mas há que dispor de informações e propor soluções de menor custo para as empresas nacionais internacionalizadas. São operações sofisticadas, que o mercado hoje denomina de “operações estruturadas”, que ao desenhar a arquitetura do financiamento e suas garantias, define com clareza o nível de risco assumido por todos os parceiros da operação. Segundo, ao perceber que os seus ganhos diminuem com a queda das taxas internas de juros, os Bancos passam a buscar maior eficiência, e com isso iniciam um processo de fusões e incorporações dentro da indústria bancária.

Começa então a surgir um movimento dicotômico no setor: enquanto os bancos de porte pequeno e médio tendem a se especializar, os bancos de grande porte procuram diversificar, buscando economias de escopo em atividades bancárias e não-bancárias. Qual será o formato do setor a longo prazo ainda é um desafio para os cenaristas de plantão. Por enquanto, apenas uma certeza: Setor bancário e setor produtivo devem caminhar de mãos dadas. Se houve o tempo em que as empresas se “rebolavam” para atender as exigências dos bancos, hoje são os bancos que

“dançam” para encantar sua empresa-parceira e afastar os concorrentes. Quanto mais sedutora a solução financeira, maior a chance de fidelizar a “noiva”. Enquanto o setor bancário busca uma face mais atraente, o setor produtivo parece ter uma certeza: expansão só com parceria e inovação.

Éverton Chaves Correia

Doutorando em Economia, Especialista pelo MIT-USA

Professor do MBA em Gestão Bancária da Faculdade Dois de Julho